

a n t o l o g i a

O problema da livre determinação—como assaz justamente escreveu Alfredo Fouillé—não é somente um problema filosófico; é o problema filosófico por excelência. Desta questão dependem todas as outras.

E', em primeiro lugar, a questão primordial, essencial, o grande problema humano: a explicação e a natureza do universo e da vida, a concepção do princípio de causalidade.

Não nos deteremos na ingênua hipótese da criação divina e do arbitrário sobrenatural. Eliminada progressivamente no curso do desenvolvimento histórico, pela crescente consciência da imutável naturalidade dos fenómenos, a superstição teológica, no seu último, termo, resolve-se na ideia absurda, **contraditória**, dum Eu infinito,—inconciliável antinomia, porque o «eu» não se compreende senão limitado pelo «não eu»,—e assim traz consigo mesmo, para sempre, a sua irrevogável condenação.

Mas o fim da ingênua ideia da autoridade divina não é o fim do absolutismo e do fatalismo, e a ilusão autoritária reaparece, em nome da razão raciocinadora, na cosmologia e filosofia simplistas dos metafísicos, induzidos em erro ao indagarem a causa primária.

Com efeito, materialistas, espiritualistas, agnósticos, tendem todos, em última análise, à superstição da Fôrça. Eis—Conta demonstrou-o nitidamente—a característica do mensamento filosófico do último século. As entidades substituem as divindades e, ao reino de Deus e à sua autoridade, sucedem afinal a autoridade e o reino dessa entidade suprema: a Fôrça.

Simples relação de energia, maneira de ser relativa dum movimento, mera qualidade, a fôrça chega a ser por abstracção uma realidade em si.

E' a operação familiar a todos os cérebros infantis:

Um dia, um destes baldoezinhos de criança que fazem a alegria efêmera dos pequenos, fogira à mão inhábil que o prendia e, depois de se elevar pesadamente para, apenas fora de alcance, com o grosso fio de prender pendente em linha recta. Meu filho, quasi de cueiros, ainda na idade em que tudo é milagre, olhava para elle assombrado, admirando-se de o não ver subir mais alto: «E' o peso do fio, disse-lhe eu, que o prende. Sim, repetiu o meu petiz, confiando na experiência do pai, é o peso do fio...» E acrescentou, depois de reflectir um instante: «Onde está o peso do fio?»

Eis aqui a «Fôrça» dos metafísicos; a fôrça-entidade!... E' o «peso do fio», abstracção substantivada, qualidade transformada em entidade, qualificativo feito substantivo e idolo com maiúscula.

E o idolo assim criado por um «vício de linguagem», segundo a significativa expressão de Max Müller, por abstracção e a imaginação metafísicas, chega a ser a causa primária do mundo, a razão última de tudo, a mal eterna e imutável das coisas.

Somos, desde então, joguetes duma Fatalidade eterna. Façamos o que fizermos, um Destino implacável nos governa: um Fado infrangível rege o Universo, uma Causa única determina os fenómenos e uma «Necessidade inexorável» estende o seu império sobre todas as coisas. O determinismo fatalista, o **predeterminismo** é a expressão adequada, o corolário lógico do rumo e da autoridade da Fôrça, immanente ou transcendente.

Mas a Fôrça, princípio absoluto, eterno e imutável princípio da natureza e dos mundos, não passa duma ilusão, duma miragem metafísica.

Para o físico, para o monista consciente da unidade física do mundo, a fôrça não é um absoluto, uma realidade em si, uma «causa»; é uma **relação** momentânea, uma **abstracção matemática** que exprime um valor relativo de movimento, uma relação de fenómenos. E o famoso princípio da permanência da fôrça,—base entre outras, como se sabe, de toda a filosofia de Spencer.—é apenas um sofisma verbal, assente na confusão e no equívoco.

Se sairmos do verbalismo e da logomaquia para nos collocarmos no ponto de vista realista e científico vemos que a fôrça e qualidade concreta dum fenómeno, se cria, nasce, desenvolve e morre com elle, numa palavra, que é contingente e variável, como tudo que pertence ao domínio do relativo, do «temporal», ao «mundo ondante e diverso das realidades».

Fora disto, a fôrça não é mais que uma expressão algaritmica, uma abstracção, uma palavra.

Dizer que a fôrça é permanente, eterna, imutável em si, equivale a dizer: a grandeza, a pequenez, a velocidade são permanentes, eternas, imutáveis em si próprias. Isto, na realidade, não tem sentido algum.

//

O erro fundamental dessa teologia da Fôrça, dessa definição da quantidade, reside

na ilusão pitagórica, no fetichismo do número, nesse realismo algaritmico que desconhece a **imensidade** da natureza, nega, de facto, o infinito e faz do mathematicismo a essência do universo.

Mas, perante a noção de in-

ria imóvel e morto, pois forçosa e imutavelmente se haveria estabelecido o equilibrio absoluto.

Portanto, a noção de infinito é uma noção necessária, natural e racional.

Pôsto isto, se nos propuzermos, com Stallo, «a questão de saber se temos o direito de aplicar ao Infinito os conceitos lógicos e as fórmulas matemáticas baseadas nas condições da existência finita e de tratar o mundo illimitado

quadro que tudo encerrava, e nos dois polos do infinito, o da grandeza e o da pequenez, no abismo macrocósmico e no abismo microcósmico, vemos, por todos os lados, o caminho aberto ao novo no mundo.

Sempre, dêste mais além infinito, mas não sobrenatural, desta imensidade de energia, dêste insondável abismo, pode surgir no mundo um elemento **novo**,—novo para o mundo, para este mundo,—um elemento que mude a orientação,

fundamentos

finito, perante essa noção defectiva que constitue a glória e a grandeza do pensamento humano, toda essa fantasmagoria, toda essa cosmologia se desmorona e desvanece.

Que é a quantidade, a nossa quantidade, em face do infinito? Qual é o seu valor real, se nos collocarmos no ponto de vista naturalista, que é o do pensamento moderno e da filosofia científica?

A quantidade abrange toda a realidade, e o mundo, o nosso mundo, é adequado à natureza inflexível?

Na verdade, «todas as tentativas para determinar as condições de emergência dos fenómenos físicos para lá dos limites do espaço e dos limites do tempo são tão inúteis (para empregar a feliz expressão de William Hamilton) como a tentativa da águia para sair da atmosfera em que paira, a única que pode sustentá-la». Mas se os nossos sentidos e a nossa imaginação não podem sair do mundo e da quantidade, do tempo, do espaço e do número, que são os seus, os nossos, não é menos verdadeiro que nós **sabemos** que a realidade natural não tem limites, que não se determina nem se mede em conformidade com a nossa representação, as formas, as aparências, as «espécies», sob as quais a percebemos.

O infinito da natureza é um axioma incontestável. E', como diz Stallo, «a expressão da relatividade essencial de todas as coisas materiais e das suas propriedades»; é «a base de todas as relações que constituem a actualidade sensível»; é «o fundamento de todas as acções e formas materiais».

«Se o Universo, escreveu o Dr. Huberto Boëns, fosse finito, limitado, em virtude da atracção que o rege não formaria mais que um bloco, inerte, imenso, baloicando-se ou girando no seu limitado recinto»—ou antes, tudo esta-

como um sistema mecânico definido, e a sua energia como quantidade «constante», a resposta é clara:»

«As operações, como muito bem disse Stallo, em que o termo infinito é tratado como os termos finitos são tão ilegítimas na física como nas matemáticas». O que é verdade em todo o sistema finito, qualquer que seja a sua extensão não é verdade numa realidade natural absolutamente illimitada. «Nem a lei da conservação da energia, nem a da sua dissipação lhe podem ser legitimamente applicadas... Nós não podemos tratar o infinito como uma coisa fisicamente real (corporal), porque a realidade física definida é coextensiva com a acção e a reacção; e as leis físicas não podem ser-lhe applicadas, porque são determinações dos modos da interacção entre corpos finitos, distintos». A natureza infinita não é um corpo distinto, e, fora dela, não há corpos com os quais possa ter interacção.

Esta noção de infinito basta para aniquilar todas as imaginações absolutistas, todas as concepções limitadas autoritárias e fatalistas da vida universal.

«Expressão da relatividade essencial» de todas as coisas, ela é a negação do absoluto. Desde esse momento tudo aparece «em relação».—contingente, relativo e variável.

A própria unidade matemática, a base de toda a medida, a própria trama das nossas percepções de intensidade, de extensão e duração, das nossas noções de fôrça, de espaço e de tempo, deixa de ser uma realidade em si, um absoluto da grandeza, para converter-se numa fixação orgânica, numa resultante físico-psíquica, relativa e contingente, dependendo da nossa coordenação cósmica e da nossa psicologia.

O absolutismo matemático desvanece-se. Rompe-se o

cosmológicos da dignidade pessoal

a direcção das coisas e venha romper a cadeia do predeterminismo e da fatalidade. Na vida dos mundos, na do nosso universo como na do mais infinitesimal microcosmo, há sempre lugar para a novidade para a inovação, para o acaso e o acidente.

Assim todas as palingénias, todas as teorias do eterno retorno evidenciam-se como erros; o progresso real torna-se possível: escapamos ao preconceito matemático que fazia dizer a Lucrécio: **eadem sunt omnia semper**,—àquele simplismo deprimente que fazia dizer a Tyndall: «A lei universal da física é a generalização inesperada do aforismo de Salomão: Nil novi sub sole... Sendo a energia da natureza uma quantidade constante, tudo o que o homem pode fazer na pesquisa da verdade física, ou nas applicações das ciências físicas, é mudar de sítio as partes componentes dum todo que nunca varia, sacrificar uma delas para produzir outras».

Não! A natureza infinita não é assimilável a um total, a um todo único, onde mudam apenas as combinações e as formas e existe somente o velho-novo; onde a «lei de compensação» é a lei suprema, onde a Matemática é a ciência das ciências; e devemos preservar-nos cuidadosamente das deducções e sofismas verbais que, logicamente, dão origem a esta expressão consagrada mas falsa: o Grande Todo, e da filosofia geométrica que dela deriva.

Tudo isto é sempre a velha ilusão do mathematicismo. E' a velha concepção ontológica, limitada, da Natureza, que fazia dizer a Goethe num sofisma grandiloquente: «Ela contém sempre tudo. Para ella, nem passado, nem futuro; para ella o presente é eterno».

Foi ella que inspirou a Laplace as famosas e tantas vezes reproduzidas linhas: «Uma intelligência que, num dado

momento, conhecesse todas as fôrças de que a natureza está animada e a respectiva situação dos seres que a compõem, se além disso fôsse sufficientemente vasta para submeter estes dados à análise, abrangeria na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do universo e os do mais ligeiro átomo. Nada seria incerto para ella, e o futuro, do mesmo modo que o passado, seria presente aos seus olhos».

Vãos propósitos da embria-

Assim se explica a inesgotável fecundidade da natureza em eterna gestação. Assim se explica, assim se realiza e se prossegue sem fim, no espaço e no tempo, o trabalho espontâneo da criação natural.

Esta geração espontânea, esta actividade criadora, não escapam na verdade ao determinismo universal, que é a própria lei da causalidade, a condição de tudo o que existe. Mas, não há determinismo

autônomo de fôrça, tem, conforme o principio de Galileu, o seu papel independente e o seu poder de acção e conserva inalienável, irreductível, inviolável, no seu intimo dinamismo, a espontaneidade da vida.

Não se trata aqui—advirtamo-lo bem — de resvalar no misticismo bergsoniano, na metafísica da duração pura e na teologia do impulso vital e da Evolução Criadora. Tudo é físico para nós. Tudo está fisicamente determinado. Porém,

por
PAULO GILLE
(Tradução de
Cláudio Revel)

quem não vê que este emergitismo complexo a que chegamos, não permite, por muito longe que se leve a análise, chegar a Absoluto algum, causa primária seja do que for? Assim o fatalismo cá ao mesmo tempo que o livre arbitrio; o absolutismo objectivista ao mesmo tempo que o absolutismo subjectivista; e o mecanicismo, e a teologia e aquella superstição do meio que o transformismo suscitou e que leva à resignação sem energia, à passividade e à abdicação.

E percebemos o reinado dum determinismo relativo, múltiplo, sem medida comum nem valores fixos, dependendo de matemáticas heterogêneas, e no qual cada foco de energia, cada organismo, segundo a sua natureza própria e segundo leis naturais—que não são senão a expressão da lógica protiforme das coisas—participa do poder universal.

Essa autonomia e esse poder que reconhecemos a cada organismo, a cada individuo, eis a fonte, eis o germen da dignidade pessoal.

De um diário velho,
preambulac de outro

de João Falco
Emenda às GRALHAS. Leia-se no fim da 3.ª coluna dêste DIÁRIO, do n.º 16 do nosso jornal:

Ainda agora esteve cá a Luisa. Saiu do hospital, julga-se melhor... Vem tratar da roupa da sua gente, dar feito aquella filha... Quem a viu! Mostra uma tranquillidade que nunca lhe conheci. Há um riso fêco nos seus olhos, que me dá. Perdeu toda a sua antiga animação. Pobre! Era ella que, falando do marcenheiro debaixo d'ella que elle tinha os olhos GALADORES... Hoje já o não diria, nem o pensaria.